

Arte em revista(s)

Dando continuidade ao sincero desejo de abrir um espaço de confluência entre publicações no domínio da História e História da Arte de filiação académica (mais ou menos directa), venho relembrar que as revistas, conceptualmente mais próximas da *Revista de História da Arte*, continuam de boa saúde, manifestando um salto considerável de qualidade, nomeadamente no que respeita ao espaço dado às imagens e, em geral, à sua elevada resolução e articulação discursiva. Estou a referir-me, claro, a *Artis*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, com direcção de Vítor Serrão, e a *Arte Teoria*, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, de que é director José Fernandes Pereira.

O nº 5 da *Artis*, 2006, tem extraordinária amplitude histórica e temática, estendendo-se do Antigo Egipto a Picasso, mas estes dois referentes de modo nenhum dão conta do leque das áreas envolvidas, com artigos inovadores, referindo-me às áreas em que tenho alguma competência crítica. Quanto à *Arte Teoria*, foram publicados, em 2007, dois números, sendo o nº 10 dedicado ao tema da Cidade.



Em qualquer dos números, o grafismo é de superior qualidade, bem como a riqueza documental, em termos de desenho e reprodução.

Não sendo objectivo desta nota, a recensão crítica das revistas – antes a sua notícia – o que li em geral e em profundidade (e, neste modalidade, foram, com proveito, muitos artigos quer da *Artis*, quer da *Teoria e Arte*) proporciona-me, confesso, uma profunda alegria disciplinar. É extraordinária a quantidade e qualidade de trabalho que actualmente ocorre no domínio da História e Teoria da Arte e, a partir dele, se abre, com trocas

enriquecedoras, a outras áreas disciplinares. Como parte substancial destas investigações ou síntese da maior qualidade se articula com trabalhos académicos, em cujos júris participamos mais ou menos em conjunto, há que salientar, com a mesma profunda alegria, a rede inter-escolas da História da Arte em Portugal. Por outro lado, verifica-se também, cada vez mais, o desenvolvimento e ampliação de contactos internacionais. Sinceramente, dou os mais sinceros parabéns aos conselhos redactoriais das duas revistas!

Não tendo em mãos o nº 2 da *Murphy*, acabado de sair quando escrevo esta nota, tenho ainda dois destaques a fazer; pedindo desculpa por outras ausências, devidas a ignorância da minha parte e falta de tempo para a colmatar.

Saúdo, muito especialmente, *Margens e Confluências – um olhar contemporâneo sobre as artes*, com direcção de Maria José Laranjeiro, editada pela Escola Superior Artística do Porto-Guimarães, em periodicidade semestral. Li, com grande agrado e proveito, o nº duplo 11-12, dedicado ao tema “Mulheres artistas Argumento de género” que mantém um sólido e belo grafismo, amplo e adequado lugar à imagem de qualidade. Ele foi-me generosamente enviado pela direcção mas acontece que, quando

estava a preparar um pequeno artigo sobre Arte Pública, acabara de me cruzar com um número anterior das *Margens* (nº9) onde colhi inovador material. Foi assim, por este duplo circunstancialismo, que conheci a revista: culpa minha que já deveria conhecê-la antes! Mas aqui deixo o registo para outros distraídos interessados, como eu. Com colaboração de proveniências diversificadas, revelando redes de comunicação solidária (incluindo autoras da Universidade de Vigo e, no nº 11-12, com especial generosidade, alguns homens...) os artigos circulam entre reflexões contemporâneas, projectos artísticos e investigação histórica, garantindo à revista um apazível lugar entre as ciência das arte (teoria, crítica e história) activado por uma “vontade de arte”, através dos projectos artísticos. Especialmente eficaz é então o jogo entre as imagens que são projecto e as que são documentação, histórica e crítica, envolvendo estes diversos domínios num clima propiciatório de criatividade.

O meu segundo destaque vai para *Intervalo*, revista anual que publicou, em Maio de 2007, o seu terceiro número. Extremamente discreta na apresentação, tem como editores Luís Henriques, Mariana Pinto dos Santos, Olímpio Ferreira e Silvina Rodrigues Lopes, gente da História e Teoria da

Arte Contemporâneas, da Literatura, dos Estudos Culturais, em que as transumâncias entre domínios científicos não se fazem por diluição, mas forte contaminação disciplinar. Co-edição da Vendaval e da Diatribe, *Intervalo* está ancorada numa reivindicação de trabalho intelectual com pontes entre vários sistemas institucionalizados e reivindicada independência. Como se proclama na folha de rosto de todos os números: "Parte da convicção de que a subordinação a estratégias de sucesso e de imposição de imagens e modelos não é uma fatalidade". Os artigos, submetidos, sem excesso, ao tema de cada número, são inovadores e indagantes (tal como as entrevistas, excelentes) com lugar à ficção e às políticas, no sentido da utópica (re)invenção da *polis*. Deixando de lado

excelentes trabalhos, destaco, no último nº 3, o de Silvina Rodrigues Lopes "Resistir às máquinas identitárias..." em que se debruça a um artigo de Luís Henriques, publicado no nº 2 ("Fado, Futebol, Fátima, Foices e Martelos, Combates pelo senso comum no século XX português") e, literalmente, desfaz *Portugal Hoje, O medo de existir* de José Gil. Confesso que tive desejo de ter sido eu a escrever tão brilhante artigo. Mas, embora sejam questões que estão no centro das minhas preocupações, não teria capacidade. Fica um apelo aos editores das *Intervalo*: embora tudo se possa pesquisar, dêem-nos duas linhas de referência curricular ou existencial dos autores.

Raquel Henriques da Silva*

* Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal